

---

## *A FALTA DE RIGOR CIENTÍFICO NOS ESTUDOS SOBRE CAPOEIRA*

*PAULO COÊLHO DE ARAÚJO  
UNEB - Ba / F.C.D.E.F. - U.P.*

Quando do começo do tráfico de escravos africanos para o Brasil, nunca se poderia supor que o conjunto de elementos culturais das diversas Nações / etnias dos grupos populacionais de África dos períodos coloniais pudessem marcar fortemente o contexto cultural de uma nova nação que se apresentou, desde os seus primórdios, bastante heterogênea, isto no que concerne aos aspectos de ordem racial, e que, certamente, traziam consigo elementos culturais que, do ponto de vista do colonizador, que auto-denominava-se superior, logo, dominante em face das culturas ditas inferiores, considerava primitivas, as destes povos traficados.

Referindo-me ao conjunto de elementos culturais dos povos africanos, identifico de forma incontestável aspectos de várias ordens, que vão da incorporação e a conseqüente aculturação de elementos lingüísticos, musicais, rítmicos, folclóricos, religiosos, culinários e outros. Contudo, de igual modo verifico que, apesar desta significativa marca dos povos de origem africana no contexto cultural brasileiro, os estudos destinados à interpretação e à avaliação das culturas negras oriundas de África e a sua conseqüente influência na formação da bagagem cultural brasileira, isto, em alguns campos científicos, ainda não atingiram os níveis desejados de importância que estes estudos exigem, apesar de detectar trabalhos que apresentam contribuições significativas nos campos antropológico, etnográfico, sociológico e histórico.

Corroborando a assertiva acima destacada, encontro no acervo bibliográfico brasileiro acerca do negro africano no solo nacional, já desde há muito tempo, citações que retratam o quão pouco desenvolvidos se encontravam tais estudos, quer seja no âmbito das manifestações culturais, quer no da identificação dos grupos étnicos traficados para o Brasil.

---

Ao referir que os aludidos estudos em alguns campos científicos ainda não atingiram níveis desejados de importância, aproprio-me dos discursos contidos nas citações referidas para focar preponderantemente o campo da ciência do desporto, onde a Capoeira, atividade de facetas múltiplas e cujas raízes fincam-se concretamente em aspectos intrínsecos das culturas dos povos africanos traficados, não mereceu ainda por parte dos cientistas do desporto, e cientistas de outras áreas das ciências sociais e humanas, análises dotadas de um maior rigor científico que comportem esclarecimentos ou interpretações dos fenômenos sociais, políticos, religiosos, lúdicos e guerreiros dos grupos citados, em qualquer dos períodos históricos brasileiros, e que certamente proporcionaram o aparecimento desta atividade na sua forma primeira, bem como as causas que propiciaram as transformações que nela conseguimos visualizar atualmente.

Não quero, com estas colocações, afirmar que os trabalhos realizados até hoje sobre a temática Capoeira, não sejam possuidores de algumas qualidades, principalmente quando referem-se aos aspectos de natureza metodológica, pedagógica e até mesmo histórica. Todavia, reconheço que eles próprios, atualmente, requerem novas revisões ou novos aprofundamentos, levando-se em conta todas as diferenças de características social e cultural existentes entre as regiões geopolíticas do Brasil.

No que diz respeito aos aspectos de natureza histórica da Capoeira, constato residir neste ponto a existência de um número significativo de dúvidas que se avolumam com o passar dos anos, dúvidas estas que têm permitido muitas repetições das ditas verdades até então difundidas, as quais, no meu ponto de vista, carecem de um maior aprofundamento a nível histórico, antropológico, etnográfico e sociológico das sociedades tribais africanas e/ou ameríndias, para então consolidarem-se como verdades incontestes. Contudo, baseados nestas ditas verdades históricas ainda não esclarecidas sobre o jogo da Capoeira, é que muitos pesquisadores brasileiros e estrangeiros, beneficiando-se do direito da dúvida, promovem a criação de novas verdades históricas que por sua vez padecem do mesmo mal das anteriores, ou seja: a carência de um maior rigor científico. E é nesta carência que as novas verdades históricas, fundadas nos

---

achismos, se mostram igualmente inconsistentes, incoerentes e, conseqüentemente, não científicas.

Para ilustrar o que acabo de referir no parágrafo anterior, e que é o ponto fulcral desta comunicação, destacarei algumas das ditas verdades históricas sobre a Capoeira, buscando assim fundamentar o ponto de vista da necessidade de um maior aprofundamento em campos de estudos que não sejam somente os campos específicos da ciência do desporto.

A nível histórico, após análises bibliográficas, destaco alguns pontos cruciais onde residem algumas ditas verdades históricas:

1º ponto: verdades de carácter etimológico.

2º ponto: verdades quanto ao tempo e espaço de nascimento.

3º ponto: verdades quanto às origens e raízes.

4º ponto: verdades quanto às suas influências (nação / povo / manifestações).

Neste primeiro ponto, abordo a questão da verdade quanto à raiz do nome Capoeira, pois torna-se evidente o dilema de ter este jogo uma denominação de origem indígena ou africana e também, por que não dizer, portuguesa, pois o que é certo, é a existência deste vocábulo no acervo lingüístico dos povos destes três continentes.

Na bibliografia consultada encontro referências de Penna Marinho e Santos, ambos citando outras fontes, referências que se mostram, em parte, um tanto ambíguas e também discordantes entre si. O único ponto em que elas são ambíguas e concordantes, fixa-se quanto à raiz do vocábulo ser genuinamente brasileira e de origem indígena, contudo, afigura-se um ponto discordante entre ambos, pois o primeiro atribui a sua origem exclusivamente à tribo Tupy, enquanto na citação de Oliveira (In. Santos), a existência do vocábulo estende-se para uma origem também dos índios da tribo Guarany. A discordância apresentada neste ponto baseia-se na referência de Gerson (In. Luis), de se ter originado este termo a partir de uma atividade comercial realizada pelos negros vendedores de aves na Cidade do Rio de Janeiro.

---

No meu entender, apresentam-se nesta questão alguns aspectos a serem considerados. Primeiro, verifico que em nenhum dos estudos mencionados, ou mesmo em qualquer outro que se limitou a reproduzir referências acerca da origem do vocábulo Capoeira, se fez qualquer menção da possibilidade de existência deste mesmo vocábulo talvez com uma grafia ligeiramente diferente (Kapwera ou tupwera), mas com significado análogo, restringindo-se, apenas, a análises etimológicas deste termo no Brasil e em Portugal. Não posso entender que, tendo o Brasil uma significativa influência dos povos africanos para ali traficados, influência esta por demais evidente em termos lingüísticos, pudessem os pesquisadores contemporâneos, que se aventuraram no caminho da identificação etimológica do termo aqui abordado, desconsiderar e até mesmo desconhecer a existência de um vocábulo cujos significado e sonoridade pouco se diferenciam.

O segundo aspecto a ser considerado pressupõe para o vocábulo referido uma raiz Tupy ou Guarany ou Tupy-Guarany, não ficando, no entanto, evidentes as verdadeiras razões destes pressupostos. O que não se discute neste momento é a verdadeira raiz lingüística, mas sim, e mais uma vez, os contornos pouco rigorosos na expressão da verdade. Verifico que quando as pesquisas extrapolam o âmbito específico da ciência em questão são, no mais das vezes, tratadas pelo pesquisador da área de uma forma superficial, às vezes ingênua, face às colocações que tentam demonstrar uma significativa erudição, como é o caso que agora enfoco, onde os autores certamente não exauriram seus estudos até aos meandros lingüísticos destas duas tribos indígenas brasileiras e dos povos africanos traficados, identificando, para um maior esclarecimento, seu significado em conseqüência da função que lhe é subjacente.

O terceiro aspecto, funda-se na citação feita por Gerson, onde constato uma expressão simplista conotada de um popularismo demasiado, para explicar o nascimento de um vocábulo cujas raízes podem encontrar-se nos contextos lingüísticos de um dos grupos étnicos migrantes ou nativos ou, quiçá, do cruzamento destes mesmos grupos. A idéia de que o aspecto etimológico do termo Capoeira necessita de uma melhor investigação, consta de um trabalho

---

realizado pelo professor Kubik (1979) precisamente 13 anos antes desta comunicação, desconhecendo, até este momento, a existência de outras incursões sobre esta temática.

Não quero com estas colocações negar ou afirmar a origem do vocábulo ser ou não brasileira ou mesmo africana mas, apenas, frisar o que tenho dito desde o início deste trabalho, de que estas ditas verdades históricas carecem urgentemente duma atitude revisionista, desprovida de quaisquer preconceitos ou nacionalismos.

No segundo ponto destacado nesta comunicação, enfoco uma verdade que, de certo modo, apresenta-se bifurcada nas vertentes de tempo e espaço, verdade esta, a meu ver, aceita por todos os estudiosos da capoeira, folcloristas e historiadores, que é a de ter nascido esta prática no século XVIII e XIX, no Estado da Bahia, concretamente no interior das senzalas. Quando digo de certo modo, é por entender existir mais uma vez uma certa acomodação dos estudiosos da área e, mais especificamente, daqueles que se dedicam à Capoeira como campo de atuação e de pesquisas. Analisando detidamente esta(s) dita(s) verdade(s), detecto alguns pontos que apresentam uma certa fragilidade de argumentos e que, para se estabelecer como uma verdade incontestável, necessitará de maiores aprofundamentos.

Como primeiro argumento, encontro no trabalho de Rego (1968), considerado por muitos como o mais significativo estudo neste campo, a determinação do nascimento desta atividade entre os séculos acima referidos, argumentos estes que nunca foram minimamente questionados. Do ponto de vista físico, acho impossível que algo ou alguma coisa possa nascer em dois séculos distintos, por isso vejo na colocação do autor uma imprecisão temporal mesclada de dúvidas, talvez decorrente da inconsistência das fontes utilizadas, dados históricos, bibliográficos ou não.

Em função do aqui exposto, deixo patente que o meu posicionamento acerca do período de aparição enquanto arte guerreira apresenta-se em total desacordo com os períodos focados pelo autor citado acima nessa argumentação. Por isto questiono-me: Como poderia surgir uma atividade em dois períodos

---

distintos, principalmente se, no início do primeiro, ela apresenta-se com uma característica evolutiva bastante definida? Será que mais uma vez nos encontramos com o problema do rigor científico nas pesquisas sobre a Capoeira?

Ainda decorrente do segundo ponto deste ensaio, percebo a existência de dúvidas consoantes também aos aspectos espaciais sobre o nascimento desta arte. Para uma melhor compreensão metodológica, subdividirei este quadro em dois focos distintos. O primeiro prende-se a uma questão espacial macro, entendendo por isto uma definição sobre a região/estado do presumível aparecimento. O segundo quadro debruçar-se-á sobre uma questão espacial micro, entendendo por isto a estrutura orgânica que permitiu o seu aparecimento, ou seja: Senzalas ou Quilombos.

Revisando a literatura, e especificamente no que diz respeito ao local de aparecimento desta atividade, fui confrontado com os seguintes posicionamentos: a) autores que defendem ter esta atividade surgido na Bahia; b) autores que omitem seu parecer sobre esta matéria; c) autor que se posiciona ter esta atividade origem no seio da comunidade indígena, logo distintas do foco apresentado; d) autores que se posicionam ter sido esta atividade trazida pelos escravos da África para o Brasil com a característica marcial ou ritualística.

Vejam que, depois de tantos posicionamentos divergentes, apenas o que me foi permitido deduzir, foi que nenhuma das posições adotadas conseguiu fundamentar concretamente o seu parecer. Os que defendem a tese de ter se dado na Bahia o seu aparecimento, certamente não conseguiram encontrar elementos históricos que fundamentem tal hipótese pois, se assim os tivessem, confusões desta ordem não seriam constatadas ainda hoje na bibliografia específica sobre a Capoeira. Entretanto, se levarmos em conta que os mesmos contingentes populacionais para a Bahia traficados no início e no decorrer do processo escravocrata brasileiro, ou mesmo durante o interregno dos séculos aludidos por Rego(1968), e que certamente foram os mesmos contingentes étnicos levados para outras capitanias do então Brasil Colônia, poderiam de igual modo possibilitar o seu aparecimento em qualquer outro Estado brasileiro, isto, face aos processos de coesão social existentes entre os escravos negros das

---

diversas regiões africanas instalados no Brasil e aos processos naturais de aculturação.

Por isto, acredito que aqui se configura mais um problema da falta de rigor científico nas pesquisas sobre a Capoeira e que, com o passar dos anos, face à circularidade das informações existentes, apesar de não comprovadas certas verdades, do meu ponto de vista contestáveis, tomam ares de verdades incontestes.

Quando debruço-me sobre o enfoque espacial micro a que me referi no parágrafo anterior, ou seja, a de ter nascido esta atividade no seio dos Quilombos ou Senzalas, de pronto confronto-me com problemas de natureza idêntica ao relatado no parágrafo precedente, ou seja : a não apresentação de elementos que atestem a sua veracidade; a escassez de documentos específicos sobre esta prática no seio destes espaços(declarados); assim como o não aprofundamento dos pesquisadores brasileiros ou estrangeiros das bibliografias existentes sobre estas temáticas, buscando detectar e interpretar as possíveis manifestações socio-culturais neles presentes.

Na literatura consultada detecto posições diversas e distintas dos pesquisadores acerca desta problemática, onde encontro Kubik (1979), baseado em Rego (1968), e Brito (1983, In Santos, 1990) que defendem a tese de nascimento da Capoeira nas Senzalas da Bahia. Já Marinho (1945, 1981) nos faz depreender através de uma citação impossível de comprovar, de um provável surgimento desta prática nos Quilombos do período holandês em Pernambuco. Guilherme de Almeida( In Santos, 1990) defende uma posição totalmente contrária aos autores acima referenciados, determinando como espaço de surgimento o seio da comunidade indígena Tupy no Brasil. O que se constata claramente é que mais uma das ditas verdades sobre esta prática de caráter múltiplo está bem longe de ser considerada uma verdade incontestável, quiçá, por nunca terem sido confrontadas com elementos irrefutáveis as bases que as fundamentam, frutos de novos documentos ou novas interpretações que as neguem ou as afirmem verdadeiramente.

---

No que diz respeito aos espaços físicos Senzalas e Quilombos, acredito existirem nas bibliotecas e arquivos brasileiros, estudos em número significativo a nível sociológico, histórico e até etnográfico sobre estas matérias, com interpretações e descrições que poderiam contribuir para novas atitudes hermenêuticas de caráter exploratório por parte dos investigadores da área desportiva, sobre as possibilidades ou impossibilidades do aparecimento desta prática guerreira no seu interior, isto, face aos contextos sociais em que estavam inseridos os negros escravos, preponderantemente nas condicionantes de tempo, motivações, características e contingentes populacionais africanos ali inseridos, não devendo esquecer os seus corpos culturais distintos.

A bem da verdade, devo ressaltar que, até o momento, os estudos analisados reportam-se aos Quilombos dos Palmares ou aos subseqüentes destes, não se encontrando registros concretos de grupamentos similares, anteriores a este marco na história da escravidão do Brasil, o que não significa não terem existido. Isto posto, esclareço que parte dos estudos evidenciam abordagens superficiais das atividades lúdicas, desportivas, ritualísticas e sociais predominantes nestas comunidades, o que certamente imporá aos estudiosos da ciência do desporto, e no particular da Capoeira, uma tarefa árdua, porém gratificante, merecendo o rigor científico necessário, até então não muito evidenciado nas análises de caráter histórico, social, antropológico e outras acerca desta atividade no interior dos espaços referenciados. Então, decorrente dos pontos aqui mencionados, acredito que, pelos escassos dados existentes sobre as atividades socio-culturais nos Quilombos, pela ausência de análises mais consistentes e aprofundadas sobre as práticas socio-culturais dos escravos nas Senzalas, pela quase inexistência de descrições de movimentos das danças e festas dos negros escravos nas Senzalas, ser logicamente impossível afirmar-se, como uma verdade incontestável, ter sido o espaço de surgimento da Capoeira o ambiente restrito das fazendas ou engenhos da Bahia.

Ainda neste leque de posições divergentes das perspectivas de tempo e espaço, esta prática encontra-se inexplicavelmente indefinida no que tange aos aspectos da sua origem e influência(s), conclusão esta derivada das análises



---

bibliográficas que me possibilitaram esta abordagem e que compreendem o quarto ponto desta comunicação, muito embora, numa primeira análise, possa parecer repetitiva quanto aos aspectos de raízes e origens anteriormente enfocados.

Encontro nos aspectos mencionados três posições históricas na literatura específica: a primeira que defende a origem brasileira (baiana) mas com influência africana; a segunda, de ter sido originada de prática remota em Angola (ritualística, marcial e/ou outras) e introduzida no Brasil no período colonial; a terceira, defendendo a posição desta ter a sua origem no Brasil com influência indígena Tupy-Guarany. Das posições aqui apresentadas, fica-me apenas a certeza de que uma delas representará incontestavelmente a verdade histórica da origem desta prática. Mas qual? Contudo, perplexo fico quando constato que inúmeros trabalhos realizados sobre a Capoeira, e no particular sobre este foco, restringem-se à tarefa cômoda de promover a circularidade das informações existentes sem qualquer esboço crítico acerca das posições apresentadas ou, quando não, de se permitirem omitir ou, quando não, a de promoverem posições fantasiosas não muito corretas por parte de investigadores pretensamente preocupados com o rigor científico no campo específico desta ciência.

No que concerne às influências de grupos étnicos africanos ou indígenas para o aparecimento da Capoeira, sem grande esforço verifico que ambas apresentam um quadro por demais delineado: bantos angolanos e índios Tupy-Guarany, sem comprovarem documentalmente tais afirmações, ou os porquês da não contribuição dos outros povos africanos traficados para o aparecimento desta prática. Ao colocar-me desta maneira, reconheço existirem dois momentos fundamentais nos contextos da sua origem, desenvolvimento, transformação e transmutação em formas múltiplas, que são: 1) a atividade guerreira propriamente dita com elementos de uma única cultura ou de culturas diversas; 2) a atividade lúdica com as suas implicações para os campos do desporto, do folclore, do ensino e da dança, também com as mesmas influências.

Mas, ao vincular os grupos populacionais africanos ao contexto da origem e influência(s) desta prática plural, fato este já bastante evidenciado pelos estudiosos da cultura dos povos africanos no Brasil, tenho a certeza que

---

elementos não nos faltarão que nos permitam elaborar novas teorias, ensaios exploratórios e desmistificar algumas verdades.

Sobre os índios brasileiros não me deterei neste ensaio, tendo em vista não obter elementos que me permitam uma reflexão mais pormenorizada, mas identificando, de igual modo, um campo fértil para explorações em busca da verdade sobre a origem indígena da Capoeira (?), abordagem esta nunca antes tentada por qualquer pesquisador do campo das ciências sociais ou mesmo da ciência aludida neste texto.

Retomando a abordagem das influências dos povos africanos no Brasil, e no particular a da origem e influências desta arte multifacetada, evidencio alguns trabalhos de eminentes estudiosos da cultura afro-brasileira que, há tempos atrás, já denunciavam a confusão instalada por Spix e Martius ao afirmarem a exclusividade do stock banto no período do tráfico escravo para o Brasil, afirmação esta que teria induzido em erro muitos estudiosos de renome, quando das análises das influências de diversas ordens do negro afro-brasileiro e, a meu ver, até mesmo no campo específico da Capoeira, fato este evidente quando verificamos que a literatura desta matéria vincula exclusivamente ao grupo banto e ao povo de Angola os aspectos da sua gênese e influências.

A partir deste posicionamento questiono-me: Terão Spix e Martius levado os estudiosos da Capoeira e do folclore ao mesmo erro?

Nos estudos que retratam esta perspectiva, a única verdade que temos, é que nada sabemos de concreto sobre a origem, influências e características desta prática, apesar da mesma existir há mais de três séculos. Todavia, o que nós, estudiosos deste campo, não podemos afirmar, é que inexistem materiais bibliográficos que nos permitam aproximar-nos gradualmente da verdade.

Depois de todas as palavras já ditas, entendo ser esta comunicação produto de uma reflexão aprofundada das dúvidas e certezas, intrínsecas e inerentes ao contexto da Capoeira como um elemento de grande significância na cultura brasileira, e cujos percursos da leitura me levaram a concluir a prevalência das primeiras sobre as segundas decorrentes de fatores de várias ordens:

---

1) a reprodução de informações de alguns estudiosos do folclore e da Educação Física, desprovida de reflexões críticas por parte dos investigadores desta ciência e de ciências afins;

2) a escassez de informações de elementos culturais das lutas, danças e jogos nas organizações sociais Quilombos e Senzalas;

3) a escassez de teorias consistentes acerca da origem e influências do grupo étnico banto de Angola, não se limitando a afirmá-la apenas por elementos de caráter lingüístico (capoeira), escassos no contexto, ou nominativos (de Angola) e que, de certo modo, não são indicadores precisos;

4) a escassez de pesquisas científicas específicas da ciência do desporto no âmbito das áreas social, histórica, antropológica e etnográfica, no espaço da Capoeira, e que abranjam análises pormenorizadas das culturas dos povos africanos traficados;

5) a falta de rigor científico nas pesquisas sobre Capoeira, onde são apresentados trabalhos sem suportes teórico-metodológicos e sem documentações comprovativas das teses apresentadas e que nada ou pouco acrescentam ao contexto científico da ciência em que a Capoeira está circunscrita.

Para finalizar, acredito que os estudiosos da área do Desporto e da Educação Física, e no particular deste campo específico, desejam e buscam estabelecer sempre uma verdade digna do rigor científico pela qual a ciência se pauta, a ciência do desporto exige e a Capoeira necessita.

Como últimas palavras, utilizo a citação de Théodore Lidz que expressa claramente o meu ponto de vista sobre os acontecimentos correntes nas pesquisas sobre Capoeira:

" A história das ciências mostra que nada freia mais o progresso que a aceitação incondicional de uma teoria".